



**COMO DESENVOLVER EMPATIA EM PRÁTICAS DE SAÚDE, UM PROJETO DE
PESQUISA DO CURSO DE ENFERMAGEM UNIFACIG**

Guilherme Augusto de Cristo Souza¹, Emilly Andressa Pereira Bassani², Ana Flávia Faria Gomes³, Rafaela Hubner da Costa⁴, Rafael Carvalho Costa⁵, João Arthur Junio de Souza⁶, Thiara Guimarães Heleno de Oliveira Pôncio⁷, Tatiana Vasques Camelo dos Santos⁸

¹Graduando em Enfermagem, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, guilhermea1657@gmail.com

²Graduando em Enfermagem, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, emillybassani107@gmail.com

³Graduando em Enfermagem, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, anaflavia.fariagomes@gmail.com

⁴Graduando em Enfermagem, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, hubnerrafaela2004@gmail.com

⁵Graduando em Enfermagem, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, rafaelcarvalhocosta8@gmail.com

⁶Graduando em Enfermagem, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, joao37058@gmail.com

⁷ Mestre em Hemoterapia USP, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, thiara@sempre.unifacig.edu.br

⁸ Doutora em Enfermagem UFMG, UNIFACIG, Manhuaçu – MG, tatiana@sempre.unifacig.edu.br

Resumo: Trabalho realizado a partir de um projeto de pesquisa desenvolvido no primeiro período do curso de enfermagem UNIFACIG (2022/1), que aborda o tema de empatia como prioridade para exercício da profissão de enfermagem e outras áreas da saúde. O objetivo desse trabalho foi trazer os relatos de experiência dos acadêmicos na vivência da condição de deficiência visual, na intencionalidade do desenvolvimento da empatia em seus diferentes componentes: cognitivo, afetivo e comportamental. Ao término da atividade, os estudantes narraram suas sensações em reflexões e trocas de experiências nas sensações de portador de deficiência e guia. Foi possível concluir a importância da empatia para a enfermagem e as formas dinâmicas para desenvolver essa habilidade em graduandos e profissionais.

Palavras-chave: *Empatia nas práticas de enfermagem; Empatia como habilidade cognitiva; Desenvolvimento da empatia.*

Área do Conhecimento: Ciências da Saúde; Ciências Sociais Aplicadas;

**HOW TO DEVELOP EMPATHY IN HEALTH PRACTICES, RESEARCH
PROJECTS FROM THE FIRST PERIOD OF CLASS VII OF
UNIFACIG NURSING**

Abstract: A research project of the first period of the UNIFACIG nursing class as a priority for the exercise of the nursing profession and other areas of health. The objective of this work to bring the reports of the experience of its components is the experience of the condition of blindness, in the intentionality of the development of empathy in different people; cognitive, affective and behavioral. At the end of the activity, the studies narrated their sensations in blind and guided sensations, the studies can raise the importance of empathy and the studies to develop this skill

Keywords: Empathy in nursing practices, Empathy as a cognitive skill, Empathy development.

INTRODUÇÃO

A empatia é definida como a capacidade de se colocar no lugar do outro, e ser impactado pelas emoções de outros indivíduos. Assim, percebe-se o sofrimento do outro e, sendo impactado pelas emoções que observamos, não faz distinção entre o eu e o outro, vivenciando-as como se fossem suas. Em resumo, pode-se dizer que ter empatia é se colocar no lugar do outro. No entanto, ser empático envolve saberes diversos e mais profundos. A sensação é de ser aquela pessoa e, por isso, compreender escolhas, alegrias, medos, arrogância, agressividade e ignorância, ou seja, o que há de bom e de ruim no outro (ANDRADE, 2012).

No início do século XIX, o conceito da empatia como uma característica pela qual alguém identifica o que está na consciência de outro indivíduo, era profundamente utilizado e dominava alguns

campos da Psicologia e das Ciências Sociais. Esse entusiasmo fez com que as hipóteses da estética fossem modificadas, pois, enquanto os críticos de arte sugeriam que por meio da empatia (*Einfühlung*) o self (auto) era objetivado nas obras de arte, já os psicólogos da personalidade afirmavam que, durante o processo de empatia, um objeto qualquer era individualizado pela percepção do observador. Nessa direção, os psicólogos sustentavam que a empatia era uma capacidade pela qual as pessoas comprehendiam umas às outras, sentiam e percebiam o que acontecia com os outros, como se elas mesmas estivessem vivenciando as experiências alheias (SAMPAIO, 2009).

Ainda no início da década de 50 a partir da iniciativa de Carl Rogers a empatia passou a ser investigada com maior aprofundamento e aplicada na prática psicoterapêutica. Suas descobertas nesse campo deram-lhe conhecimento para que ele desenvolvesse uma modalidade psicoterápica que ficou mundialmente conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Nessa abordagem, o profissional busca estabelecer um clima terapêutico adequado, desenvolvendo sentimentos empáticos pelo cliente, propiciando-lhe um ambiente de aceitação e sendo autêntico na comunicação com o paciente (SAMPAIO, 2009).

O desenvolvimento do comportamento empático ultrapassa o benefício apenas do sujeito-alvo, essa prática beneficia também o profissional de saúde que a executa, uma vez que essa atitude impacta o meio social em que esse profissional está inserido podendo-se constatar a redução da angústia pessoal, a generalização da habilidade em outros contextos interativos, além relação com o paciente, ampliação do autoconhecimento e auto monitoramento (KESTENBERG, et al., 2010).

A enfermagem é reconhecida como um ato de cuidado ao próximo, que tem relação direta com habilidades que envolvem a comunicação, pois é por meio da linguagem verbal ou não verbal que o (a) enfermeiro (a) poderá examinar, diagnosticar e prescrever as condutas destinadas ao paciente. Contudo, para que esse diálogo ocorra de forma produtiva o profissional tem que se colocar na posição de ouvinte e exercer a habilidade da empatia para conseguir fazer com que o paciente se encontre num ambiente confortável para conseguir se comunicar e explicar, de sua maneira, o que vem acontecendo em sua vida, tanto em relação aos fatores físicos quanto mentais.

É de grande importância que o enfermeiro (a) consiga equilibrar ações e conhecimentos científicos com o bom relacionamento interpessoal, sendo empático e assertivo, e sabendo que além das técnicas científicas deve haver um ato humanístico no atendimento ao paciente. Lançando mão dessas práticas humanísticas durante o atendimento e praticando a empatia perante o paciente o desenrolar da conversa entre ambos terá maior sucesso, pois a prática da empatia tem efeito terapêutico, o que pode fazer com que o paciente se sinta mais à vontade para compartilhar detalhes do motivo de sua consulta (TAKAKI, et al., 2004).

Sob essa perspectiva, o enfermeiro deve trabalhar ao máximo a maturidade e estabilidade emocional para que ocorra a empatia como processo terapêutico, desenvolvendo um relacionamento confiável e de respeito mútuo com o paciente, respeitando suas crenças, valores, e cultura, assim oferecendo um atendimento de qualidade e chegando aos fatores que levaram o paciente a buscar a ajuda, seja ela física ou mental (TAKAKI, et al., 2004).

Como forma de desenvolver a empatia em profissionais de enfermagem e outros profissionais de saúde, criamos um projeto que tem como objetivo relatar experiências dos estudantes na vivência da condição de deficiência visual, foi feito uma pesquisa de campo onde simulamos a deficiência com o objetivo de desenvolver a empatia como habilidade cognitiva, caracterizada pela adoção da perspectiva do outro, isto é, a capacidade de interpretar e compreender os pensamentos e sentimentos de alguém.

METODOLOGIA

Para a realização da pesquisa, os alunos se dividiram em subgrupos dentro do Campus Alfa Sul do Centro Universitário UNIFACIG com o intuito de simular como é viver na condição de estudante e deficiente visual. A simulação durou todo o período de aula noturno, onde os alunos usaram os recursos da instituição como biblioteca, banheiros, lanchonete, entre outros. Os subgrupos tinham um aluno vendado e outros alunos que eram os seus guias, ao passar do tempo, os papéis de cego e guia se invertiam na simulação.

No momento em que os alunos eram guias estes ajudavam os alunos vedados na locomoção pelo Campus, além de fazer registros de imagens e vídeos, enquanto os alunos “cegos” usavam os recursos do Campus para ter a vivência da experiência, ao final do experimento cada aluno fez um relato de como foi a vivência da mimetização da condição de cegueira, dando ênfase aos sentimentos que surgiram no momento de vulnerabilidade e perspectiva de estar sem um dos sentidos, assim

poderia definir como a experiência melhorou de forma significativa a habilidade cognitiva de empatia, e seus aspectos afetivos e comportamentais.

Foi feito também um relatório de quais pontos necessitam de mudança na estrutura física no campus, e quais pontos verificamos que as adequações para inclusão de pessoas com deficiência funcionam de forma correta, para assim futuramente termos cada vez mais melhorias e acessibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao término do experimento foi pedido aos os estudantes que narrassem as suas sensações no momento de cegueira, as palavras que mais apareceram: “vergonha” “solidão”, “vulnerabilidade”, “dependência”, “desconforto”, “fragilidade”, “medo”. Foi pedido também que narrassem como era estar na posição de guia, e as palavras mais repetidas foram: “medo”, “insegurança”, “sensação de insuficiência”, “auto cobrança”, em todos os relatos obtidos, foi possível perceber que a experiência mobilizou os envolvidos no sentido de perceber a importância desse “estar no lugar do outro” e de dar assistência àqueles que possuem uma condição diferenciada.

É possível entender que essa mimetização coloca como simbolização o paciente/cliente como o cego, e os guias como profissionais de saúde, que precisam fazer uma associação do processo de saúde-doença, e na interação entre paciente e profissional, objetivando maior vínculo e afinidade. Citando Anjos, (2018), por mais que o atendimento de enfermagem privilegie, muitas vezes, a dimensão física, com a execução de procedimentos técnicos, em um nível mais avançado do cuidado, a enfermagem é capaz de acessar os aspectos emocionais e subjetivos, de forma a objetivar o que transcende o individual, por meio da comunicação e da empatia, que podem desenvolver e manter a harmonia e a confiança necessárias para este fim.

Nesse sentido, as práticas da empatia visam o aprimoramento das relações interpessoais por meio da consolidação do vínculo afetivo e das habilidades comunicacionais que é suma importância na relação enfermeiro paciente. Muitas vezes dominar somente a ciência da patologia não torna o profissional apto o suficiente, pois a empatia também é necessária saber passar o conhecimento de uma forma clara e objetiva ao outro que não possui o mesmo conhecimento, embasamento científico do mal que o aflige (ZUCHETTO, et al., 2019)

Após a experiência os participantes do experimento puderam desenvolver os três componentes da empatia: *cognitivo* - capacidade de compreender os sentimentos e perspectivas do outro-; *afetivo* - compaixão e simpatia pela outra pessoa, incluindo preocupação com seu bem-estar, além de preocupação genuína com bem-estar da pessoa-alvo; e *comportamental* - transmissão do entendimento explícito do sentimento e da perspectiva do outro envolvendo a capacidade de transmitir de forma verbal e não verbal, um reconhecimento explícito dos sentimentos e da perspectiva da outra pessoa, de tal maneira que ela se sinta realmente compreendida.

CONCLUSÃO

A empatia é uma via de mão dupla, com entendimento mútuo, desvendando as motivações por trás da posição de alguém e expressando suas preocupações. Ter conhecimento é essencial para ajudar a combater preconceitos, encontrando concordâncias e expandindo o universo moral. Uma pessoa empática aceita a diferença, entende que as pessoas reagem de forma distinto diante de determinadas situações diminuindo o prejulgamento. Logo, a empatia apresenta inúmeras vantagens para a vida pessoal e profissional. Por meio dela, é notório a melhora da comunicação, aprendendo a enfrentar desafios, evoluindo, regulando as emoções e diminuindo o estresse, sendo mais fácil criar conexões.

Portanto, tendo ciência da importância da empatia no âmbito da saúde e nas convivências sociais do dia a dia, o enfermeiro deve trabalhar ao máximo a maturidade e estabilidade emocional para que ocorra a empatia como processo terapêutico, desenvolvendo um relacionamento confiável e de respeito mútuo com o paciente, respeitando suas crenças, valores, e cultura, assim oferecendo um atendimento de qualidade e chegando aos fatores que levaram o paciente a buscar a ajuda, seja ela física ou mental.

REFERÊNCIAS

ANDRADE TG, CARVALHO DP, BORGES LR, COSTA CFS, SILVEIRA RS, FERNANDES GFM et al. O uso da empatia por profissionais de enfermagem: uma revisão integrativa in: Evento: Congresso de Iniciação Científica Rio Grande do Sul, Brasil; 2012.

ANJOS, Eliton Beserra dos. Significado da humanização para a equipe de enfermagem de uma unidade de emergência. 2018.

DOMINGUES, ANA RITA SANTOS. Inteligência Emocional, Empatia e Satisfação no Trabalho em Médicos. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto. Maio de 2009.

FALCONE, E. (1999). A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva,1(1), 23–32

GAMBARELLI, SAMYRA FERNANDES; TAETS, GUNNAR GLAUCO DE CUNTO CARELLI. A importância da empatia no cuidado de enfermagem na atenção primária à saúde. Enfermagem Brasil, v. 17, n. 4, p. 394-400, 2018.

KESTENBERG, Celia Caldeira Fonseca; FALCONE, Eliane Oliveira. PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA EMPATIA PARA GRADUANDOS DE ENFERMAGEM: EFEITOS OBSERVADOS.

KESTENBERG, Celia Caldeira Fonseca et al. Avaliação de um programa de desenvolvimento da empatia para graduandos de enfermagem. 2010.

SAVIETO, Roberta Maria; LEÃO, ELIETH RIBEIRO. ASSISTÊNCIA EM ENFERMAGEM E JEAN WATSON: Uma reflexão sobre a empatia. Escola Anna Nery, Revista de Enfermagem. Janeiro de 2016.

SAMPAIO, Leonardo Rodrigues; CAMINO, Cleonice Pereira dos Santos; ROAZZI, Antonio. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. Psicologia: ciência e profissão, v. 29, p. 212-227, 2009.

TAKAKI, MARIA HARUE; ANA, DÉBORA DE MELLO GONÇALVES SANT. A empatia como essência no cuidado prestado ao cliente pela equipe de enfermagem de uma unidade básica de saúde. Cogitare Enfermagem, v. 9, n. 1, 2004.

TEREZAM, RAQUEL; QUEIROZ, JESSICA; HOGA, LUIZA AKIKO KOMURA. A importância da empatia no cuidado em saúde e enfermagem. Revista brasileira de enfermagem. Brasil, maio de 2017.

TOMAZ, TERESA; NEVES, ANA MARTA; BARBOSA, BENVINDA; FACHADO, FRANCISCO; FONTE, PEDRO. Empatia e Arte – Poderá um Programa de Arte numa Unidade de Saúde Familiar Influenciar a Empatia Percepcionada pelos Utentes. Revista ADSO. 2019 (11): 30-37

VILELA SC, CARVALHO AMP, PEDRÃO LJ. Relação interpessoal como cuidado na enfermagem. RevEnferm UERJ 2014;22(1):96-102

ZUCHETTO, Milena Amorim et al. Empatia no processo de cuidado em enfermagem sob a ótica da teoria do reconhecimento: síntese reflexiva. Revista Cuidarte, v. 10, n. 3, 2019.